

Uma das duas escrituras principais do *budismo da Terra Pura*, o budismo Shin, é a obra “Sukhavati-vyuha Maior”. O autor japonês Taitetsu Unno afirmou que esta escritura “descreve a trajetória de um bodhisattva, um futuro Buda em potencial, chamado de Dharmakara, que faz quarenta e oito votos diante de outro Buda (...)”. [1]

Destes compromissos, o mais importante é o Décimo Oitavo Voto, conhecido como o Voto Primordial. É um voto de sacrifício pelo bem de todos os seres. E ele diz:

“Se, quando eu atingir a condição de Buda, os seres sensíveis dos dez quadrantes, dotados de uma mente sincera, confiantes em si mesmos, aspirando por nascer em minha terra e dizendo meu Nome talvez até dez vezes, não nascerem lá, então que eu não alcance a iluminação suprema. Excluídos estão aqueles que cometem as cinco ofensas graves e aqueles que caluniam o dharma.” [2]

A mesma cláusula de exclusão por caluniar o dharma, o ensinamento - ou por caluniar o professor -, opera nos níveis mais elevados do movimento teosófico moderno. No entanto, um estudante inexperiente de teosofia pode ter a sensação, neste ponto, de que a última frase do voto budista acima é *cruel e demasiado crítica*:

“Por que motivo alguém deveria excluir ou rejeitar aqueles que traem a sua própria fonte de inspiração espiritual? Não será uma atitude arrogante - e pouco fraterna - olhar com severidade aquelas pobres almas que imitam Judas Iscariotes em suas vidas espirituais?”

Na verdade, a “cláusula de exclusão” - que também faz parte dos votos de muitas organizações maçônicas - não provoca realmente a exclusão de ninguém, no plano oculto.

Apenas reconhece e aceita uma autoexclusão oculta que já ocorreu antes, e que aconteceu por livre iniciativa.

1. A “Cláusula de Exclusão” é na Verdade Autoexclusão

Aqueles que caluniam os seus instrutores espirituais, que atacam ou distorcem os ensinamentos sagrados, ou que deixam que estas coisas sejam feitas sem defender a sua própria fonte de inspiração, na realidade *excluem a si mesmos* de um determinado campo magnético e de um determinado campo cármico. E isso acontece no plano interno e sutil. É uma ação silenciosa, que flui nas dimensões ocultas ou não visíveis da vida. E pode ocorrer subconscientemente, isto é, sem que a pessoa tenha plena consciência do que está fazendo.

A *cláusula de exclusão* não é, portanto, uma *causa* em si mesma de exclusão ou separação, e muito menos uma punição. Ela é apenas uma consequência. É uma decisão realista, como a decisão de não fingir que um pote quebrado ou um cálice quebrado ainda está intacto. E, naturalmente, a decisão de não fingir é tomada no nível abstrato e impessoal dos princípios filosóficos. Aceitar os fatos desagradáveis é útil porque, se alguém sabe que um objeto está quebrado, pode consertá-lo ou substituí-lo, mas se fingir que o objeto ainda está intacto viverá num estado de ilusão e de negação da realidade.

A possibilidade prática de *autoexclusão* dos níveis superiores de consciência corresponde ao perigo de falhar no processo de *autoinclusão* nesses domínios. Tanto o esforço como o perigo de fracassar estão presentes na vida cotidiana dos teosofistas. Para expressá-lo em linguagem

budista, pode-se dizer que através das suas ações diárias os estudantes ajudam (ou atrapalham) a sua própria inclusão gradual nos “três refúgios”, que são os seguintes:

- 1) O Dharma (isto é, a Lei e os Ensinaamentos);
- 2) O Buda (isto é, o Instrutor ou os Instrutores) e,
- 3) A Sangha (a comunidade invisível de estudantes sinceros).

Talvez seja possível tirar algumas lições úteis desse duplo conceito de autoinclusão e autoexclusão. A primeira lição é que somos os responsáveis pelo nosso destino futuro. Ao observarmos as nossas ações diárias, podemos ver se elas estão *excluindo-nos*, ou *incluindo-nos*, no amplo Espírito do Ensino, na atmosfera dos instrutores, e na comunidade sutil dos estudantes mais dedicados.

Podemos ver, então, até que ponto as nossas ações diárias tendem a ajudar o nosso acesso aos níveis superiores da realidade, nos quais vivem os nossos verdadeiros eus. Assim descobrimos meios mais eficientes de melhorar o nosso processo de aprendizagem.

2. A Perda da Memória Espiritual

Há algo mais a acrescentar em relação ao lado interno da “cláusula da exclusão”: é o processo da perda da memória.

Em algum lugar da tradição esotérica afirma-se que, quando o candidato aos Mistérios sai do campo magnético do aprendizado da Alma, ele *perde a memória* do conhecimento que havia obtido.

Constitui um fato da Natureza que existem memórias e registros de ensinamentos e sistemas de orientação em cada nível diferente de consciência; e eles pertencem a aquele nível de realidade, e não ao indivíduo que em algum momento possui a memória deles.

Se o candidato aos Mistérios destrói o seu próprio acesso àquele nível de consciência em que as memórias e os registros mais elevados são preservados - por exemplo, o nível de consciência Buddhi-Manásico - ele vai reter, talvez, o aspecto externo da memória dos acontecimentos, o aspecto inferior e físico dos ensinamentos e dos fatos; mas ele vai perder o real significado de tudo. A partir de então ele pode voltar-se contra a fonte sagrada que deu a ele o alimento espiritual. Mas ele só pode fazer isso nos níveis inferiores e ilusórios da realidade.

Esta parece ser a situação de alguns líderes teosóficos. Eles perderam contato com a real substância da Teosofia, mas decidiram permanecer orgulhosamente apegados à casca externa do movimento teosófico. Eles *esqueceram* o sabor e o significado internos dos ensinamentos, porque ficaram demasiado entusiasmados com o seu aspecto corporativo exterior. Perderam acesso a uma certa frequência vibratória em que ficam guardadas as verdadeiras memórias e percepções. Depois disso, só puderam agarrar-se ao corpo sem vida das aparências imaginadas.

A autoexclusão provoca a perda de um certo nível de memórias, portanto. É para evitar este perigo que os verdadeiros instrutores examinam com grande cuidado a ideia de expandir a consciência de qualquer candidato à sabedoria. Eles sabem que é melhor para o candidato avançar devagar e estar livre destes problemas no futuro.

Embora a *cláusula da autoexclusão* não possa ser apagada nem cancelada, a prudência no caminho deve ser colocada em prática, de modo a manter os buscadores da sabedoria longe deste perigo, tanto quanto possível. É devido a um sentimento de compaixão, e não a um sentimento de egoísmo, que os Mestres agem de maneira cautelosa. E isso nos leva a examinar os ensinamentos do Novo Testamento em relação a Judas Iscariotes. Podemos enxergar mais de um simbolismo esotérico na história que mostra Judas enforcando a si mesmo, tal como narrado em Mateus 27. O trecho é um enfoque metafórico da “cláusula de exclusão”.

3. As Lições Teosóficas de Judas - e Pedro

O Judas do Novo Testamento representa a parte desleal do eu inferior do ser humano; é aquela parcela do quaternário inferior que rejeita a influência vinda do Mestre. E o Mestre Jesus representa o sexto princípio da consciência, a alma espiritual.

O “discípulo”, o quaternário inferior, tem expectativas pessoais em relação ao “Mestre”. Se o “discípulo” não estiver disposto a renovar a sua visão das coisas e ampliar seus horizontes - e para isso precisa deixar de lado as velhas expectativas - ele pode ser derrotado. A derrota toma a forma de “traição”.

Em Mateus, 26, os discípulos leais não impedem que Judas se transforme num traidor. Eles estão confusos devido à intensidade dos testes probatórios que eles mesmos estão enfrentando. A estupidez deles, a sua covardia e a sua incapacidade de defender o Mestre sagrado - a fonte da sua aprendizagem - ficam claras em Mateus, 26:69-74. Ali vemos o discípulo-chefe negar expressamente o Mestre por três vezes. Quando perguntado sobre Jesus, Pedro diz:

“Não sei do que você está falando.”

O principal discípulo literalmente lava suas mãos. Ele jura que não viu o Mestre. Pedro é demasiado covarde para ser um traidor, ou para ser um verdadeiro discípulo, naquele momento. Ele é morno. Ele será capaz de se recuperar numa parte mais adiantada da narrativa.

Qualquer um que seja suficientemente covarde ou suficientemente ignorante para não fazer uma “destemida declaração de princípios” e “uma valente defesa dos que são injustamente atacados” (que são duas necessidades práticas em qualquer discipulado verdadeiro) [3] fica preso à mesma situação em que Pedro caiu.

Naturalmente a defesa dos que são injustamente atacados não precisa ser sempre óbvia e verbal: as ações dizem mais do que as palavras. No entanto, neste caso, assim como em várias peças famosas de Shakespeare, os impulsos inferiores e traiçoeiros vencem a batalha. “Judas”, ou os impulsos egoístas, trai o seu Mestre, ou sua alma espiritual, que não é defendido por outros discípulos. Assim, Judas interrompe vitoriosamente o fluxo de energia entre o “céu” (a tríade superior, ou Mônada) e a “Terra” (o quaternário inferior, ou alma mortal).

Judas é um símbolo daquele discípulo ou aspirante à Sabedoria que falha em sua busca pela Verdade, e que corta o elo semiadormecido que o liga aos reinos superiores, um elo presente

em si mesmo. Judas também simboliza os setores egoístas do nosso quarto princípio da consciência, o princípio emocional.

O mal se disfarça e se apresenta como bem. Judas trata Jesus generosamente, na aparência. A ambiguidade, o disfarce e a hipocrisia fazem parte da gramática elementar dos traidores. Judas beija Jesus na face. Externamente, o falso discípulo expressa boa vontade para com o Mestre. Mas na verdade ele só fez este gesto para indicar aos soldados quem era o homem a ser preso - e morto.

Acontece então a humilhação coletiva daquele que representa a Sabedoria sagrada, eterna. Em Mateus, 26:67, pessoas ignorantes cospem no rosto de Jesus, esbofeteiam-no, batem no seu rosto. A mente espiritual é degradada e desprezada pela arrogância do eu inferior. Uma vez que Jesus é preso, no entanto, Judas, tendo recebido o suborno de trinta moedas, renuncia ao prêmio da sua traição. O ex-discípulo subitamente compreende que - na ausência da Alma Espiritual, o Mestre - tudo perde sentido.

Judas rejeitou o Instrutor que não correspondia às suas próprias expectativas. Fez isso porque não havia renunciado antes às suas ideias estreitas sobre o que o Mestre tinha ou não tinha de fazer.

Mas que alternativa restava para Judas, agora que ele havia cometido suicídio espiritual por aquela encarnação? Agora que ele havia interrompido a ponte sagrada entre o céu e a Terra dentro de si mesmo, que havia destruído a sua Escada de Jacó, ficando surdo para a pequena voz da sua própria consciência? Só havia uma coisa a fazer, e ele a fez. Ele completou a metáfora da autodestruição espiritual, enforcando a si mesmo.

Em resumo, nesta história altamente simbólica Judas é o “discípulo” que trai o seu Mestre. Ele revela indevidamente os sagrados segredos esotéricos. Ele destrói o contato com o seu eu superior para o período daquela encarnação. Ele deve confrontar a “cláusula da autoexclusão”, que está sempre presente em qualquer acordo mútuo entre o Alto e o Inferior.

Ao enforcar-se, Judas interrompe o fluxo vital entre a cabeça e o corpo. Assim ele destrói Antahkarana. Esta é uma maneira de perder a consciência, ou a memória. A morte simboliza uma forma de deixar de lembrar. Judas já não recorda mais as coisas que ele sabia quando era leal ao seu Eu Superior, o Mestre.

4. Mahatma Diz Que Não Há Vida em Adyar

No caso do movimento teosófico, vemos uma situação análoga. Quando a Sociedade de Adyar afastou-se da verdade, e o seu presidente Henry Olcott preferiu não defender Helena Blavatsky dos ataques injustos que ela sofria, o Mestre previu a morte espiritual daquela corporação. O raja-iogue dos Himalaias anunciou claramente o despedaçamento futuro do movimento teosófico, isto é, a sua fragmentação. Referindo-se a Henry Olcott e à Sociedade de Adyar, o Mestre afirmou:

“...A Sociedade libertou-se do nosso controle e influência e a deixamos ir - não fazemos escravos à força. Ele disse que a salvou? Ele salvou seu corpo, mas permitiu, por puro medo, que sua alma escapasse, e ela é agora um cadáver sem alma, uma máquina que ainda funciona bastante bem, mas que se despedaçará quando ele se for.” [4]

Depois de trair, Judas destrói a si mesmo. A Sociedade de Adyar não tem vida nos planos superiores de consciência, segundo o Mestre constata. O Mestre sabia que os falsos clarividentes iriam redesenhar completamente o movimento.

No entanto a vida não cessa jamais, e todo traidor e fracassado terá uma oportunidade para redimir-se, em algum ciclo futuro. Ele pode nascer de novo a partir do seu eu superior. Será uma nova tentativa. E quando isso acontecer, uma outra página será escrita no Livro da Vida.

Os vários fatores mencionados acima estão presentes na jornada de cada buscador da verdade, e as lições de Judas são úteis para todos nós.

O que existe em grande escala existe em pequena escala também, e ninguém poderia dizer, ou pensar, que a experiência de Judas no Novo Testamento é inteiramente distante da sua. O universo inteiro está interligado. Podemos aprender de todo ele: basta ter a capacidade de fazê-lo. As lições de Judas se aplicam a cada estudante, e são igualmente válidas para as associações teosóficas, no século 21 como nos séculos futuros.

Perigo e oportunidade rodeiam não só os indivíduos, mas também os grupos e instituições cuja meta sincera é procurar a verdade. Cabe renascer a cada dia, a partir da mesma intenção nobre de ser leal ao mais Elevado, e a todos. Este propósito leva a aquela felicidade interior cuja fonte é Atma.

(Carlos Cardoso Aveline)

NOTAS:

[1] “Shin Buddhism”, Taitetsu Unno, Doubleday/Random House, New York, 2002, 266 pp., ver p. 03.

[2] “Shin Buddhism”, Taitetsu Unno, Doubleday/Random House, ver p. 50.

[3] Veja o artigo “[A Escada de Ouro](#)”.

[4] “Cartas dos Mestres de Sabedoria”, transcritas e compiladas por C. Jinarajadasa, Editora Teosófica, Brasília, 1996, 295 pp., ver Carta 47 da primeira série, pp. 106-107. A carta é de 1888.

000

O texto acima é uma tradução do artigo “[The Symbolism of Judas Iscariot](#)”. A tradução foi feita pelo autor.

000

Leia mais:

* [O Perfil da Loja Independente](#).

000

A Serpente e a Pomba

Autodisciplina e Concentração: Fortalecendo a Vontade Espiritual

Joana Maria Ferreira de Pinho



“É necessário desenvolver a força de vontade, possuir uma meta clara e produzir fatos concretos na direção buscada, que é nobre e elevada. A meta é construir algo, ao invés de apenas coletar informações sobre o que está ocorrendo aqui ou ali.”

CCA [1]

O tema da autodisciplina diária sempre foi abordado pela LIT como central na vida do aprendiz.

A seção “[Autodisciplina e Concentração: Para Fortalecer a Vontade Espiritual](#)” existe há bastante tempo nos websites da Loja. Nos últimos meses tem crescido o número de textos

dedicados a esta temática. Ainda antes da criação da LIT, o grupo tinha consciência que a prática do ensinamento é o que pode fazer a diferença na vida de cada um, na vida do grupo, na vida da humanidade.

Praticar o que se lê e se contempla requer altos níveis de autodisciplina. São necessárias vontade e concentração fortes, ao lado de um discernimento aguçado, uma pureza de coração elevada, uma coragem de leão e a inocência de uma pomba.

Não é por acaso que o Jesus do Novo Testamento, ao enviar os doze apóstolos para curar e pregar em Israel, lhes diz:

“Eis que vos envio como ovelhas ao meio de lobos; portanto, sede prudentes como as serpentes e inofensivos como as pombas.” (Mateus 10:16)

Junto com a autodisciplina, a LIT vem destacando a importância da questão psicológica. As duas coisas andam juntas. É que os lobos de que nos fala o Novo Testamento podem estar também dentro de cada aspirante a discípulo, dispostos a atacar a cada avanço feito.

O autoconhecimento é fundamental para o autoaperfeiçoamento. Aqueles assuntos que parecem de prioridade máxima, que depois se revelam como perdas de energia, aquela voz interna que nos convenceu a ceder à preguiça e outras formas de autoengano, são lobos internos em pele de cordeiro.

Aparentemente são dóceis, inocentes e inofensivos, e sem darmos por nada saem mordendo o rebanho dos nossos bons hábitos, dos nossos bons pensamentos, da nossa tranquilidade interior. Por isso, devemos ter a prudência da serpente, ser capazes de avaliar as situações e agir de maneira sábia.

Ser prudente implica criar uma estratégia, não nos expondo desnecessariamente ao perigo. É preciso saber medir forças. Seria pouco sensato participar de uma maratona sem antes treinar corrida, e com hábitos alimentares e de sono incompatíveis com tal esforço. Ao criar uma disciplina diária devemos ter metas realistas e estar cientes que tudo se interliga e apoia. O querer é importante, mas a prática é decisiva. A disciplina consiste de bons hábitos.

Ao lado da serpente anda a pomba, a pomba da paz interior, da compaixão, da integridade moral.

A pomba é inofensiva, no sentido de não plantar mau carma. Como estudantes do ensinamento teosófico e curadores da alma humana, divulgamos o evangelho do coração para o mundo e também para os diversos setores de nossa estrutura psicológica. Talvez pareça estranho para alguns, mas pode haver dentro do peregrino alguns setores de sua estrutura psicológica e emocional que se recusam a escutar o que a teosofia ensina.

Estarão a mãe, o pai, os filhos, o marido, a esposa, os avós, as crianças que foram, os adultos que idealizaram ser, e todos os outros eus que habitam seu mundo psicológico, de acordo com o que a Teosofia ensina e de acordo com sua disciplina diária?

Combinar a prudência da serpente com a inofensividade da pomba cria um equilíbrio para as nossas ações, sejam internas ou externas.

O teosofista deve vencer os perigos e as armadilhas que enfrenta, mas também precisa manter a pureza e a paz em suas ações e intenções. É através deste equilíbrio dinâmico, ainda que imperfeito, que se pode navegar pelas águas turbulentas sem comprometer os princípios espirituais e a integridade ética.

Em vários círculos esotéricos tem se olhado para a pomba como garantia de ausência de combate. Mas tal não é verdade. A serpente é igualmente necessária. Quem decide avançar no caminho do altruísmo, do autoaperfeiçoamento, sabe bem que a luta é constante e que o combate é sobretudo interno. E por isso, no capítulo do Novo Testamento citado anteriormente, Jesus, símbolo da alma imortal, diz:

“Não pensem que vim trazer paz à terra; não vim trazer paz, mas espada.” (Mateus 10:34)

O combate envolve a luta contra impulsos negativos, ilusões, egoísmo e outras formas de autoengano e decorre dos desafios, das provações e dos obstáculos que surgem no caminho.

Tudo tem o propósito de fortalecer a vontade do aprendiz, purificar seu coração, e dar-lhe uma série de lições sobre a jornada. Erramos com muita frequência, mas como Carlos costuma dizer “tropeçando também se avança”.

A espada não é apenas um símbolo de luta. Como vários textos dos websites colocam, a espada pode simbolizar a necessidade de discernimento espiritual, de clareza de propósito e a capacidade de ver a diferença entre a verdade espiritual e as ilusões do mundo material. Além disso, a espada representa a coragem para enfrentar as injustiças e os desafios.

Não é possível fugir do combate interno e avançar no caminho teosófico.

Jesus foi um guerreiro da verdade [2]. A família de Buda era da casta kshatriya (guerreira), assim como Krishna, o qual desempenhou um papel central no épico hindu Mahabharata, onde atuou como conselheiro e guia. Exemplos de grandes instrutores da humanidade atuando como guerreiros não faltam. O Mestre de Helena Blavatsky é da casta guerreira. [3]

Tal como uma guerra envolve confrontos e batalhas externas, o caminho espiritual envolve uma luta interna contra as forças negativas, como desejos materiais, ignorância e outras limitações.

A batalha não deve ser temida, mas enfrentada com coragem e gratidão, pois é através dela que superamos os obstáculos. Vencer as tendências antievolutivas e cultivar as qualidades positivas é essencial para podermos ser úteis ao trabalho dos Mestres.

Assim como um guerreiro deve estar disposto a enfrentar desafios e ganhar ou perder no campo de batalha, o peregrino deve praticar desapego e renúncia em relação aos apegos materiais e emocionais que o possam distrair do caminho espiritual.

Cada um tem suas próprias lutas. As dificuldades variam conforme as condições individuais. Somos mestres e aprendizes de nós mesmos.

A Teosofia não tem receitas prontas para distribuir. No entanto, há linhas gerais que a LIT vem estabelecendo. Quando aplicadas na vida diária, elas funcionam como alicerces, colunas, pilares e paredes-mestras num templo em construção: pureza de intenções, de coração, de

pensamento; ética; boa vontade; autodisciplina; lealdade ao Eu Superior, ao Ensino, à Causa dos Mestres.

Encerro com a seguinte frase de um Mahatma:

“Autorrespeito, autoconhecimento, autocontrole, só estes três dão à vida um poder soberano”.^[4]

NOTAS:

[1] Do texto “[A Essência do Movimento Teosófico](#)”, de Carlos Cardoso Aveline.

[2] Ver o artigo “[Jesus Cristo, o Guerreiro da Verdade](#)”, de Carlos.

[3] Ver o texto “[The Mauryan Dynasty](#)”, de Carlos.

[4] Palavras de um Mahatma dos Himalaias, citadas no artigo “[A Essência do Movimento Teosófico](#)”, de Carlos.

000



Uma versão inicial do artigo acima foi o texto-base de um estudo semanal da Loja Independente, dias antes da publicação da edição de julho de 2024 de “O Teosofista”.

000

A Teosofia da Vida Longa: **A Arte de Viver Mais e Melhor**



Entre as perguntas clássicas que se pode fazer, quando alguém se aproxima da Loja Independente, estão estas três:

- * Quanto tempo você pretende viver?
- * Gostaria de ter uma vida longa, e o mais saudável possível?
- * E que providências práticas está tomando para que isso ocorra?

De fato, a teosofia da LIT ensina sobre o tema da reencarnação, mas vai além disso e ensina também sobre o tema da vida longa. A LIT explica por que motivo uma vida razoavelmente longa e lúcida é importante para a evolução da alma.

Para quem se interessa pelo assunto, eis alguns textos a respeito:

- * [O Elixir da Vida.](#)
- * [Vida Longa e Felicidade.](#)
- * [A Fonte de Castália.](#)

* [Todas as Idades da Vida.](#)

A vida física é uma grande sala de aula. O aprendizado é constante, e exige atenção e perseverança.

000

[A Sabedoria e a Vontade:](#)
**As Duas Colunas
na Entrada do Templo**



Desde as suas primeiras origens, a Loja Independente tem trabalhado o tema da vontade espiritual. No entanto, Helena Blavatsky escreveu pouco a respeito. Só gradualmente fomos percebendo a centralidade do tema e descobrindo a melhor maneira de abordá-lo.

Passo a passo, localizamos os pontos centrais e nevrálgicos do ensinamento original. Foi preciso observar e refletir sobre a [Autocrítica de HPB](#), feita pouco antes de ela morrer. Da Autocrítica é possível deduzir o que ela deveria ter escrito se houvesse tempo de vida suficiente; mas não escreveu, porque não havia tempo, deixando apenas indicações aqui e ali.

Em noventa por cento dos casos, ou mais, os fracassos dos teosofistas ocorreram no campo da ética e da lealdade. Em linguagem popular, faltou vergonha na cara. HPB “errou” ao pensar que os teosofistas estavam preparados para ser éticos. Não creio que tenha sido um erro pessoal dela - o jogo com o Carma é mais complicado. O esforço teosófico necessita ajustar-se constantemente à dinâmica da realidade devido à lei da ação e da reação. Mas para todos os

efeitos práticos, desde o ponto de vista de curto prazo, HPB “errou” no plano pedagógico por confiar demasiado na integridade do ser humano ocidental. A evolução avança por tentativa e erro. A cada ação corresponde uma reação. Diante deste fracasso é preciso reagir. Estamos a tempo. Passaram-se menos de 150 anos desde a morte de HPB, e podemos aprender com o fracasso do movimento. O que se deve fazer para corrigir a derrota?

O primeiro passo é óbvio: priorizar o tema da ética. E isso não basta. É preciso fazer um diagnóstico da falha. Por que motivo ocorreu o fracasso ético do movimento? Como se explica o abandono do seu ensinamento mais elevado, que na melhor das hipóteses, mesmo quando não foi distorcido, passou a ocupar uma posição periférica? Por que razão a pequena LIT é a principal e quase a primeira organização a reconhecer honestamente a prioridade do ensinamento das Cartas? Será por falta de força de vontade?

De fato, a resposta está no texto “[Como Educar a Vontade](#)”, do educador português João Serras e Silva. As pessoas não erram nem fracassam por falta de informação. Elas fracassam por falta de vontade.

Mais ou menos na mesma época da [Autocrítica](#), HPB escreveu que a Ética da teosofia é mais importante que as informações sobre o mundo oculto. ([Five Messages](#), p. 12.) A isso é preciso acrescentar, para que possamos aprender a lição:

“E a ética, sem a devida força de vontade, não consegue sair do terreno vago das boas intenções. Portanto, é necessário criar processos eficientes de treinamento da vontade.”

Cabe amarrar de um modo indissolúvel a força de vontade com a ética do altruísmo.

Tendo clareza sobre os ensinamentos originais, havendo reunido em seus websites o acervo mais importante do movimento e conhecendo bem este acervo, a Loja Independente está passo a passo avaliando e revendo as suas prioridades com base na centralidade fundamental da questão da (boa) Vontade. A importância do tema está estabelecida tanto em Raja Ioga como em Teosofia, em Filosofia, em Cristianismo, e em outras áreas da vida. Para os cristãos, a vontade tem o nome de “fé”. Onde quer que se fale de disciplina ou de ação correta, sabemos que a força da vontade elevada é a chave da vitória. Assim, Jesus anuncia a “Paz na Terra aos homens de boa vontade”. (Lucas, 2: 14)

As Duas Colunas no Pórtico

O templo teosófico é o Templo da Verdade, e podemos imaginar duas colunas na sua entrada: *a coluna da Sabedoria, e a coluna da Vontade.*

A Sabedoria sem Vontade não existe. A Vontade sem Sabedoria é inconcebível. Essencialmente, ambas são uma só. As duas palavras designam dois aspectos ou funções da mesma Realidade. Correspondem a [Raja Ioga](#), a ioga da Vontade, e a [Jnana Ioga](#), a ioga da Sabedoria. Há nesta constatação uma certa correspondência com os dois Mestres que fundaram mais diretamente o movimento [1].

O Poder Magnético da Vontade

Cada teosofista deve construir em sua própria alma o templo da verdade. O pórtico deste templo interior tem duas colunas: o Conhecimento Divino e a Determinação de Vencer, ou, na ordem inversa, *Virya* e *Shanti*. Porque *Virya* é Força, e *Shanti* é Paz.

Em “Cartas dos Mestres de Sabedoria”, um dos Mahatmas revela que o lema dos Cabalistas e dos Ocultistas é: “Ousar, querer, agir e manter silêncio.” [2]

Não por acaso, os quatro elementos do lema se relacionam diretamente com o tema da vontade.

Não há grande diferença entre magnetismo, vontade e fluido magnético, e nas Cartas dos Mahatmas podemos ler estas palavras:

“*Uma vontade forte* cria situações e a simpatia atrai até mesmo os adeptos, cujas leis normais são antagônicas à mistura com o não-iniciado. Se estiver disposto, eu lhe enviarei um *Ensaio* mostrando por que, na Europa, mais do que em qualquer outra parte, para obter êxito em ciências ocultas é necessária uma *Fraternidade Universal*, isto é, uma associação de ‘afinidades’ de forças e polaridades fortemente magnéticas, embora diferentes, centradas em torno de uma ideia dominante.” [3]

Havendo uma visão clara da meta nobre comum a todos, o *centro da aura do movimento teosófico* passa a despertar na alma espiritual de cada teosofista honesto.

(CCA)

NOTAS:

[1] Com ajuda de vários outros, de várias regiões do planeta.

[2] “Cartas dos Mestres de Sabedoria”, Editora Teosófica, Brasília, segunda série, Carta 65, p. 241.

[3] Da Carta 10 de “Cartas dos Mahatmas”, Ed. Teosófica, Brasília, Volume I, p. 71.

000

Leia o artigo “[Uma Teosofista na Rússia](#)”, de Olga Attovna Fedorova.

000

[A Teosofia Direta no WhatsApp](#)

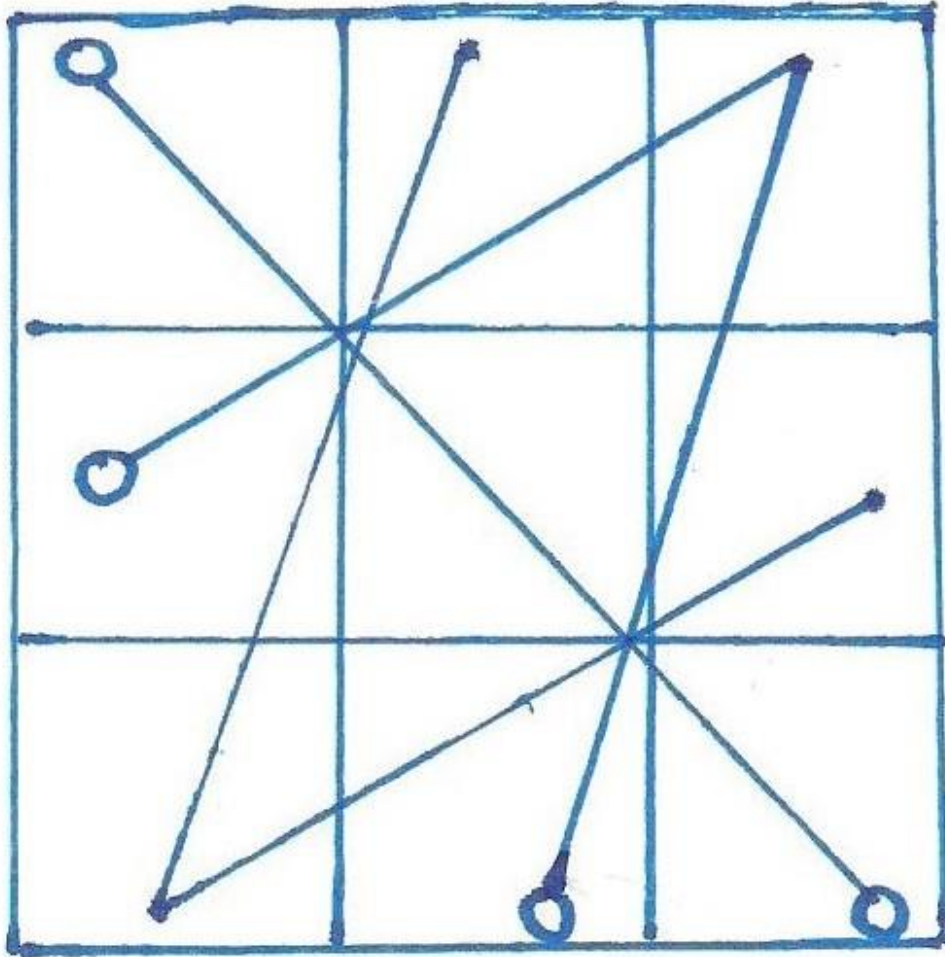
Veja um dos grupos da **Loja Independente de Teosofistas, LIT**, no **WhatsApp**: <https://chat.whatsapp.com/6MB7dWbqNmx68hEzVshbHk>

000

Visite o canal da [Loja Independente de Teosofistas](#) no [YouTube](#) e faça a sua assinatura [gratuita](#).

000

Para Meditar Sobre a Lei da Justiça:
A Vontade no Selo Mágico de Saturno
Uma Imagem Simbólica e uma Lição do
Mestre do Carma, do Tempo, e dos Ciclos



Significado do Selo Mágico:

A realização só pode ser obtida através do Antagonismo; a Prudência e a Justiça produzem a Vitória; e a Ação Correta é Resultado do Conhecimento da Força-da-Vontade.

[A imagem foi copiada, e o texto traduzido, de um artigo de Liddell MacGregor Mathers publicado por Helena P. Blavatsky, em sua revista de Londres no mês de março de 1888.]

000

Leia o artigo "[O Lado Luminoso de Saturno](#)".

000

Os Cinco Dias Úteis da Semana

De Segunda a Sexta, a Ioga da Vida Diária



Imagem: N. Roerich

1. O Poder Criativo da Segunda: Começando Com a Força da Vitória

O modo como damos o primeiro passo em um determinado período de tempo define, em geral, o padrão vibratório com que o ciclo será vivido. Isto acontece com o começo de uma semana, o começo de um dia, ou o começo de um ano.

A consciência deste fato implica responsabilidade.

A semana inicia com a segunda-feira, e este dia inaugural deve ser vivido desde o início com uma clara decisão de agir vitoriosamente.

Os seguidores da filosofia da preguiça lamentam a existência da segunda-feira. O indivíduo sensato tem o privilégio de, neste dia, dar um impulso vigoroso ao esforço da semana toda, que irá evoluindo de diferentes maneiras até o final de domingo.

Segunda é o dia da lua: “Monday” em inglês, “Lunes” em espanhol, “Lunedì” em francês. Em astrologia, a Lua é um ponto sensível. No aspecto inferior, o signo regido pela Lua pode apegar-se ao passado e ao conforto. Pode oscilar ali onde prefere firmeza. Diante disso, cabe aprender com a Ioga de Patañjali e desenvolver a atitude contrária: olhar para a frente, dar um

decisivo passo adiante, avançar com firmeza, inaugurar a semana com uma determinação ígnea de vencer.

O destino dos que cultivam a sua própria fraqueza é choramingar - até que abrem os olhos e derrotam a preguiça.

A vida ativa surge na segunda-feira. É aí que começamos a construir a bênção, o fruto do trabalho bem feito.

O valor do final de semana é preparar uma segunda-feira inaugural em que temos a nossa vitalidade a todo vapor, por decisão e mérito próprios. Logo cedo no primeiro dia útil da semana, diga a si mesmo:

“Farei com que o dia de hoje seja excelente. Começando hoje, construirei uma semana de trabalho eficiente com progresso em todos os aspectos. Esta segunda-feira dará um tom luminoso ao ciclo semanal.”

2. Terça-feira: a Ação Sob o Signo de Marte

A terça-feira é o segundo dos cinco dias úteis da semana e dialoga com o planeta Marte. O elemento é fogo. A terça queima o que já não serve e ilumina os passos imediatos que devemos dar à frente.

Aqui a ação do ciclo ativo da semana se torna plenamente intensa. Passado o momento inaugural da segunda-feira, o trabalho renovador e o impulso criativo chegam ao seu patamar mais alto.

É um dia para ousar, inovar, dar novos passos na vida, enquanto ouvimos a nossa consciência, tendo examinado e confirmado o fato de que avançamos na direção correta.

Na segunda criamos um padrão: na terça avançamos decididamente para a frente. Diga a si mesmo: *“Nesta terça-feira, avançarei como um fogo lícido, gerando mais luz que fumaça”*.

3. Quarta-feira: o Dia da Compreensão

Quarta-feira, o dia do mensageiro Mercúrio, não é um dia de início, e não é um dia de fim. Ele liga a primeira e a última parte da semana útil. A vibração é leve. O exercício da vontade evolui para um modo suave, a menos que haja disciplina. Na sequência dos cinco dias úteis, não é o momento de fazer um esforço supremo. Mas cabe perseverar.

Estamos no fiel da balança do tempo da semana.

É sábio neste dia elevar a nossa consciência. A vontade se une à compreensão. Cabe olhar para o conjunto e reforçar as decisões. As possibilidades estão abertas. O que devo fazer para aperfeiçoar o que foi realizado até aqui? E para adiantar o trabalho da quinta e da sexta, garantindo o êxito do ciclo? Diga a si mesmo: *“Meu lema hoje é inteligência profunda e horizontes amplos. A flexibilidade no trabalho é fundamental. Estou relaxado. A hora do esforço total ainda não chegou, mas está perto.”*

4. A Quinta-feira é Fogo na Alquimia da Semana

Um dia ígneo. O fogo da ação decisiva, que já esteve presente na terça-feira, é retomado na quinta, o dia de Júpiter.

O esforço supremo acontece agora. A ação vitoriosa flui - e requer que trabalhemos para ela. Preocupações miúdas e estreitas não levam a lugar algum. Cabe confiar em si e na vida.

A decisão sagitariana de ir à frente, de olhar para o futuro, de consolidar o progresso, de remover obstáculos, é um fator disponível neste dia. Vale a pena colocá-lo em movimento. Sabemos que não há nada melhor do que um dia depois do outro. A quinta-feira é uma batalha fundamental. A vontade e a confiança estão unidas. Devem avançar o pensamento correto e a ação correta.

O progresso de hoje tem um aspecto grandioso, porque prepara e torna possível a grande vitória do futuro. Diga a si mesmo: *“Que eu possa localizar em mim hoje a certeza queimante da vitória. Que eu seja guiado por ela com calmo realismo, e vença.”*

5. Sexta-feira: o Dia da Conclusão do Trabalho

A sexta-feira fecha a semana útil. Ocorre em diálogo com Vênus, a irmã mais velha da nossa Terra, segundo Blavatsky.

Vênus não é só a deusa da afetividade, mas um centro de consciência que irradia força, poder, magnetismo, luz, estabilidade. E precisamos de tudo isso no quinto e último dia útil da semana.

A qualidade da sexta-feira depende da qualidade dos dias anteriores. De uma certa forma, colhemos na sexta o carma dos quatro dias que vieram antes. E se fizermos um bom trabalho neste dia, descansaremos melhor no final da semana, com a consciência mais elevada.

É verdade que sábado e domingo não são dias inúteis, a não ser para quem deseja perder tempo na vida. Mas no fim-de-semana podemos realizar tarefas mais serenas e dedicar um tempo extra à vida interna e superior da alma.

A sexta-feira completa a obra da semana útil. Plena atenção, intensidade, e a decisão de agir de modo vitorioso são indispensáveis.

Hoje como nos outros dias, quando necessário, faça breves retiros meditativos de um minuto de duração, para repetir diante da sua própria consciência uma frase-mantra que coloca você no ponto central ótimo da sua postura diante da vida. Cabe estar atento. Diga a si mesmo: *“Trabalharei em paz. Terminarei corretamente o ciclo da semana. Agirei com otimismo, de modo tranquilo e organizado.”*

000



Examine o artigo [Nossa Semana e o Sistema Solar](#).

000

Ideias ao Longo do Caminho

Transcendendo a Psicologia do Rebanho: o Nascimento da Teosofia Independente



* **A** vontade é a faculdade de agir racionalmente, segundo define Estêvão Cruz. E ele acrescenta:

* “Já sabemos que o instinto é uma força *cega, espontânea e fatal* que impele necessariamente o animal para tudo aquilo que favorece a sua conservação e o seu desenvolvimento, e que o afasta de tudo quanto lhe pode trazer nocividade. No homem, porém, há uma outra força mais elevada do que esta, uma força *inteligente, reflexa e livre*: - a vontade.”

* O filósofo brasileiro estabelece a seguinte distinção entre instinto e vontade:

* “O objeto próprio do instinto é o bem sensível, e, como tal, é um objeto concreto. O animal é incapaz de abstrair a bondade das coisas boas, e, conseqüentemente, não generaliza essa bondade fazendo-a incluir outras coisas. Isso é privilégio do homem. O objeto próprio da vontade é o bem abstrato”.

* “O instinto, traduzindo a impulsão espontânea da tendência, se dirige para o bem sem hesitação, tendo em vista exclusivamente os *móveis*, que são razões sensíveis despertadas pelo

objeto. A vontade, pelo contrário, antes de se dirigir para o bem, discute as conveniências dos móveis e assim os converte em *motivos*, isto é, razões de ordem intelectual.”

* Estêvão Cruz prossegue:

* “O instinto é incapaz de escolher um entre vários bens. O animal não se decide, segue. A vontade, em vista dos motivos, delibera e escolhe entre diferentes bens.” [1]

* Esta distinção é fundamental para quem deseja participar do movimento esotérico sem ser carregado pela ignorância coletiva das grandes corporações que reúnem os ingênuos e os desinformados.

* As associações teosóficas serão movidas pelo instinto gregário dos rebanhos, como no caso das igrejas movidas pela fé cega? Ou a nossa associação teosófica, ao contrário da igreja, é uma *escola filosófica aberta ao livre pensar*, e que convida os seus associados a buscar a verdade com independência, ainda que de modo solidário?

* Desde os primeiros anos do século 20, a maior parte do movimento teosófico é governada por imitações ritualísticas de velhas igrejas e organizações maçônicas, coisas que segundo Blavatsky e os Mestres deveriam ser *mantidas à distância* do movimento.

* A teosofia independente, por sua vez, respeita as igrejas e religiões, assim como respeita a tradição maçônica, mas não trata de ser como elas. Não as imita. A filosofia esotérica clássica estuda e revela o *significado interior* das lendas das escrituras sagradas.

* A escola de pensamento proposta por Helena Blavatsky se baseia na capacidade humana de pensar. Esta escola ensina o significado que está além do texto literal das escrituras religiosas, conforme o próprio Jesus do Novo Testamento recomenda, ao mencionar que ensina por parábolas (Mateus 13:34-35, Marcos 4:33-34). O mesmo princípio, aliás, está presente em Salmos, 78:2.

* A teosofia de Blavatsky procura libertar pouco a pouco o ser humano da *psicologia instintiva do rebanho*. Para Blavatsky e os Mestres, não é correto usar rituais e propaganda para manter as multidões presas a níveis irracionais de percepção.

* Os atos reflexos e a força dos hábitos devem ser compreendidos. A autodisciplina teosófica coloca em movimento uma alquimia transformadora que submete os padrões de comportamento à vontade superior da Alma.

* Cabe avançar desde a *obediência instintiva* para a teosofia independente. A filosofia de Helena Blavatsky ensina os buscadores da verdade a pensar de modo autorresponsável, ao mesmo tempo que trabalham para a fraternidade universal de todos os seres.

* O despertar da inteligência é uma necessidade em todo grupo humano, e tanto na loja teosófica como na cidade e no país em que vivemos, além da civilização como um todo. No entanto, a loja teosófica deve trabalhar num nível um pouco superior de consciência, devido à sua capacidade de enxergar todas as coisas com um só olhar.

* Para que o despertar ocorra, é indispensável que a (boa) vontade do indivíduo seja forte. Só assim ele pode construir e manter hábitos corretos e um caráter firme, estável e ético. A autoeducação não termina jamais, nem no plano individual, nem no plano coletivo.

O Sentimento de Gratidão

* O futuro saudável da humanidade deve ser construído de dentro para fora. A libertação nasce a partir dos níveis superiores de consciência, ou seja, surge desde a alma para a periferia. Este *princípio do poder da alma* orienta a Loja Independente de Teosofistas, que procura ser leal às suas origens e sente gratidão pelo esforço dos Mestres.

NOTA:

[1] “Compêndio de Filosofia”, Estêvão Cruz, Editora Globo, Porto Alegre, RGS, 1932, 636 pp., ver pp. 231-232.

000

Novos Itens em Nossos Websites



Este é o informe mensal dos websites da Loja Independente de Teosofistas.[1]

Dia 12 de julho havia 3377 itens em nosso [acervo](#), dos quais 41 estavam em [francês](#), 1497 em [português](#), 1471 em [inglês](#) e 341 em [espanhol](#). Havia 27 em [russo](#).

Os seguintes itens foram publicados entre 14 de junho e 12 de julho de 2024:

(Títulos mais recentes acima)

1. **Thoughts Along the Road** - 76 - Carlos Cardoso Aveline
2. **Uma Teosofista na Rússia** - Olga Attovna Fedorova

